



Redactora-Chefe : S. Villys

Secretaria : Ari V. Le

ANNO 1º	ASSIGNATURAS: Anno 4\$500	CURITYBA, 15-1-1925	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : Brigadeiro Franco	N.º 9
	Numero avulso 400 rs.		Semestre 2\$000 Estrangeiro 20\$000	

9 de Janeiro

Quando D. João VII se dispunha a regressar para Portugal, abraçando pela ultima vez seu filho D. Pedro, disse-lhe: — «Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal; se assim fôr, põe a corôa sobre tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della.»

Grande era a difficuldade em que ficou D. Pedro, o principe regente no Brasil, apoz o regresso de El-Rei seu pae para Lisbôa.

A falta de dinheiro e a desharmonia entre os governados eram taes que promettiam serias complicações para o novo governo.

Os brasileiros, num assomo de patriotismo, repelliam energicamente os planos de recolonização do Brasil, e assim começou uma desintelligencia entre elles e os portuguezes, separando-os em campos oppostos.

Com bastante criterio, D. Pedro aconselhado pelos seus ministros, dos quaes o mais querido e influente era o conde dos Arcos, empregou habilidade muita para restabelecer as finanças da colonia, limitando consideravelmente as despezas.

Ao mesmo tempo trabalhava elle para harmonizar seus compatriotas com os brasileiros, empenhando-se pela união do Brasil com Portugal.

Entretanto, foram recebidas de Portugal as bases da constituição para serem juradas no Brasil. A espera de noticias da chegada de D. João VII a Lisbôa, o principe regente foi adiando o juramento por tempo indeterminado.

Coagido, porem, pelas tropas portuguezas, o principe D. Pedro se viu obrigado a prestar seu juramento á constituição. Logo depois desse acontecimento que muito entristeceu o regente da colonia notando a indisciplina das tro-

pas, chegou subito de Lisbôa uma lei datada de 24 de abril de 1821, na qual as cortes declaravam independentes do governo do Rio de Janeiro as outras provincias da colonia.

Restrito, pois, estava o poder de D. Pedro. Somente governaria sobre o Rio de Janeiro e Minas Geraes que lhe quizera prestar obediencia, ficando o resto da colonia livre do seu governo.

Depois vieram os decretos abolindo os tribunaes, e chamando immediata e categoricamente o principe para a Europa, onde iria aprimorar sua educação, viajando.

Nessas mensagens da corte portugueza, os brasileiros viram uma ameaça de recolonização da sua patria. Declararam-se então contra elles, secundados por não poucos portuguezes descontentes com a abolição dos tribunaes.

Os brasileiros começaram a conspirar. As associações secretas se pizeram activamente em movimento. Fundaram-se jornaes, clubs patrioticos em cuja frente se encontravam Gonçalves Ledo, Cunha Barboza, Joaquim da Rocha, Pedreira Nobrega e frei Sampaio. Estes ultimos, chefes de uma sociedade, prestaram relevantes serviços, reagindo contra os decretos ultimos da corte e resolvendo oppor-se á retirada do principe. A junta provisoria e o senado da camara de São Paulo foram os primeiros a apresentarem pedidos ao principe, para que suspendesse seu regresso á Portugal. Animados a decisão dos paulistas, os fluminenses tambem dirigiram uma petição ao Principe que não deixasse o Brasil, a qual foi assignada por oito mil pessoas e entregue ao principe no dia 9 de Janeiro de 1822.

Depois de horas de ansiedade e esperança, a multidão que estacionava defronte ao passo, a espera da resposta definitiva, viu surgir numa das janellas do palacio presidente do senado da camara, José Clemente Pereira, que em voz alta e vibrante de entusiasmo repetiu a resposta do regente: — «Como é para bem

de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico.*

Essa phrase era uma desobediencia ás ordens reaes portuguezas, era um rompimento com a cõrte de Lisboa, mas era um pacto, uma aliança com os brasileiros, um passo gigante para a proxima declaração de independencia. E essa data ficára gravada nas paginas de ouro de nossa historia, em letras indeleveis com a denominação de «O Dia do Fico».

Lygia Carneiro

AMOR ENIGMA

A Lygia Carneiro

Quando um idolo edificado por delicados enredos de sentimentos ou de ideas ameaça de ruir, começam a apparecer alguns indicios comparaveis com muita justeza ao fragor de avalanche em encosta de nevadas montanhas, ao despertar ansioso de um pesadêlo incommodo, ou á alvorada de uma Via-Crucis, que se prenuncia interminavel de dores e soffrimentos.

Vou contar-te, querida, o que ha dias succedeo. Um desses terremotos d'alma, violentos e bruscos, que tudo derribam, deixando rotas e despedaçadas as mais fortes fibras de um coração.

Uma noiva, que em poucas palavras altivamente alinhadas uma apoz outras, cheias de tanta frieza como de concisão ferina, atira contra o coração do noivo o desafio cruel de um rompimento definitivo, como se estivesse a sorrir vaidosamente, ou mesmo, como se sentisse a maior das venturas ao por elle se sacrificar, como ovelha purissima de peccados e canduras, na pyra dissolvente que por amor costumam alimentar ás vezes.

Naquelle coração, talvez endurecido, talvez tímido e sensível, ninguém conseguiu penetrar, tal a couraça de altivez ou orgulho que o reveste.

Acredito que o amor possa vir enfaixado em berços de varios estofos . . . mais o verdadeiro, o grandioso, o inapagavel, o eterno amor, esse, só descende de nobre paternidade, confirmada em sentimentos enraizados no que, por muito elevado e transcendente, ainda não se pode bem definir; no entretanto, na evolução cada vez mais completa e perfeita do alma humana, que se eleva de continuo, em busca do incorporeo e do ideal, o amor verdadeiro não deixa de ter firmada uma de suas origens naquillo que, de terreno não podemos prescindir.

Assim o amor assenta no Coração, nesse musculo super-vital, complicado e intangível, de onde nascem todas as emoções, desde a simples impressão, até as mais profundas, até a morte, «a morte por amor.»

E' incontestavel o paradoxo: um sentimento que tem por fim exclusivo desdobrar a vida, como suprema potencia creadora, ou aperfeiçoa-la como salutar cadinho depurador, algumas vezes abraze demais destruindo fibras que deveria fecundar, ou alimentando sentimentos que deveria destruir.

Acredito, querida, que o berço desse amor que destruiu um idolo, derrubando-o do firme pedestal cimentado por longos annos de fidelidade e de soffrimento, não é o legitimo . . .

Talvez um outro sentimento se disfarçasse nelle revelando-se afinal, impotente para acorrentar a

principio e fundir em seguida, dous corações, duas almas, duas vidas, dous destinos . . .

E' que esse amor que parecia grandioso e immensamente forte, nascera da piedade . . .

De que lhes serviria a elles que essa arvore do crescer, se apresentasse soberba e magestosa, se suas raizes se alimentam de parcas iguarias em terreno inhospito e esteril?

— Ella creança o vira creança . . .

Pallido e de luto, tinha elle no semblante estampada a tristeza doce, de quem soffre tranquillo e forte uma dôr irreparavel

Silencioso e tímido, elle a vira, atravez da cortina de lagrimas que borbulhavam incertas e vagas, a ella curiosa e attenta, a pousar os grandes olhos pardos e vivos, sobre seo luto, como a interrogar-lhe as dores, analysando-as, pesando-as, nellas se comprazendo, e em seguida por elles tambem soffrendo.

Infantil, o coração da creança, acordára coração de mulher . . . ; envolvendo-o em caricioso convite, no emballo suave de unisonos anceios, a offerenda só poderia alliviar bipartindo o fardo pesado da orphandade dolorosa e inesperada.

E assim nasceo aquelle commercio de mutuas afeições, que foi crescendo á proporção que as edades cresciam, e parecendo consolidar-se á proporção que melhor se conheciam . . .

Afinal veio a tempestade, a avalanche, o terremoto . . .

O verdadeiro amor talvez despertasse agora, naquelle coração tão precocemente feminino e expulsasse como a um vendilhão usurario, o pseudo-amor, o amor piedade, o amor gratidão, tão esteril, como as areias pardacentas do deserto insondavel.

Dou-te, ao fechar a pagina, querida amiga, um conselho salutar, buscado na experiencia amarga desses dous infelizes.

Nunca venhas a amar por piedade . . . O verdadeiro amor não é nenhum mendigo; ao contrario, voluntarioso, é despota, tyranno e original.

OVP

A minha felicidade...

Que esquisito elle é . . . Que esquisitão posso mesmo chama-lo, em meu carinho . . .
Toda a gente reparte o coração em mil partes . . . E o delle é meu, sosinho . . .

Toda a gente olha a vida, na illusão de ama-la em cada amor que ha no caminho: os olhos, elle fecha a essa vizão de tudo, e só me vê, pobre ceguinho . . .

Si a juventude ri, rindo-se assim aos encantos da propria juventude,
— o riso delle é todo para mim!

Que esquisitão mais esquisito . . . Pois de tanto amar-me, creio até se illude que no mundo existimos só nos dois . . .

MARY SON

A moda

Cursava o 6º anno da Faculdade de Medicina do Rio, Arthur Lima, um bello rapaz que herdára de remotos avós allemães a forte musculatura e vocação pelas Bellas Artes, especialmente a musica da qual era apaixonado cultor. Como sóe acontecer em nosso meio, seu pae, um «nouveau-riche», bom homem aliás, oppoz-se tenazmente a que elle seguisse a carreira de sua vocação. O velho queria — como toda a gente — um filho doutor. E conseguiu, pois Arthur, dotado de coração bonissimo, não quiz contrariar a vontade paterna e, abandonando o violino, que tão fortes emoções lhe proporcionára, foi ao Rio estudar Medicina.

O 1º anno foi-lhe difficil, quasi naufragou. A arte chamava-o, via-a em sonhos, sob a forma de uma encantadora joven, vestida de branco, envolta em deslumbrante cabelleira, executando ao violino suas melodias predilectas. . . . A visão deliciosa da gentil conterranea, que o prendera com sua graça e belleza apagou a pouco e pouco a vaporosa forma da Musa que o allucinava.

Desde então decidiu-se a estudar seriamente, e terminára com brilho o curso medico.

A menina, de quem já estava noivo, era realmente bella; a cutis fina e amorenada, olhos negros, profundos olhos de brasileira e uma basta e sedosa cabelleira castanha que a envolvia toda como um véo, quando desfiaza as pezadas tranças. Aquella cabelleira era o encanto de Arthur.

Quando apóz afanoso dia de trabalho nos hospitaes e maternidades, ia distrahir-se com alguns collegas, como elle noivos — ou quasi — vendo o desfilar, pela Avenida, senhoras e moças vestidas á bataclan, faceis e labios pintados como bonecas, cabellos á «la garçonne» e todas numa estonteante exhibição, sentia intima satisfação ao lembrar-se que sua simples e meiga Regina, assim se chamava a noiva, não se parecia com ellas, nem physica, nem moralmente.

Os collegas e amigos tachavam-n'o de ridiculo e atrazadão, achando que era muito natural as senhoras procurarem realçar sua belleza com um pouco de «rouge», e, quanto aos cabellos cortados era moda muita hygienica e que lhe dava muita graça! . . . Nada o convencia. Pintar labios e rosto, cortar os cabellos, o natural ornamento da mulher, como diz S. Paulo, é uma falta de juizo, dizia elle

— Mas si é moda, e moda que em nada prejudica . . . retorquiam os amigos.

Arthur dava de hombros desdenhosamente, e em espirito revia a linda cabelleira de Regina, que a envolvia toda, como um dia a surprehendera no jardim.

Um amigo de pensão chega nesse momento e entrega-lhe um telegramma, que elle lê e relê no auge da alegria. E' de Regina que vem com a familia assistir a formatura de Arthur. Os amigos felicitam-n'o. E um delles, perfidamente, diz: — E si ella vem com os cabellos cortados e rouge nos labios?

— Ella, a candura e innocencia personificadas, bem se vê que não a conheces!! . . .

No dia seguinte estava Arthur no caes. Chega o vapor, atraca, saltam passageiros. Arthur reconhece a familia do futuro sogro, e ella, onde está? Vê uma deliciosa menina, vaporosamente vestida de branco, com labios e faces tão pintados que difficilmente a reconhece. Ella, Regina, assim transformada? E que tremenda decepção ao notar, que

cortára os formosos cabellos. Constrangido, aperta-lhe as mãos, balbuciando algumas palavras sobre a viagem.

— Então, Arthur, achas-me mudada? Não sou uma verdadeira carioca? E procurava imitar com summa graça a pronuncia carioca. Como era graciosa assim!

Tomaram um auto, rumo da pensão em que elle morava. O desapontamento de Arthur era vizivel. Contrafeito ia mostrando á noiva as maravilhas do Rio. Enlevada, Regina, si bem que notasse a contrariedade do noivo, não deu importancia, o que mais augmentou sua irritação.

Chegados á pensão, apóz os indispensaveis reparos á toilette, compareceu Regina á sala de jantar. Vendo-a sem chapéo, com os cabellos revoltos á «la diable», Arthur não se conteve e disse-lhe rudemente:

E eu que te julgava superior ás outras mulheres! Então são todas eguaes, escravas da moda? Ah! Si soubesses o desgosto que sinto de te ver tosquida!

Surpreza, ante essa diatribe, Regina com lagrimas nos olhos, disse-lhe:

— Perdôa-me Arthur, tens razão, eu não devia cortar os meus cabellos para seguir a moda. Deves-me achar bem vulgar; bem mereço essa reprimenda, confesso-o!

As lagrimas cahindo-lhe pelas faces, estragaram-lhe a pintura, tornando seu lindo rosto semelhante ao de um clown. Commovido com o pranto de Regina, não poude no emtanto Arthur deixar de rir ao notar o estrago feito pela pintura. Levou-a até o espelho e fel-a notar. Regina correu ao quarto lavar o rosto, e voltando pallida e resoluta, ia falar, quando Arthur a conteve.

— Regina, minha adorada noiva, amo-te mais do que nunca, pois conservas a candura e pureza d'alma, e bondade de coração que são os mais bellos predicados da mulher. Embora contrario a essa moda, não julgo que o juizo da mulher está em relação com o comprimento de seu cabello; ai de nós homens, se assim fosse!

Vamos, prepara-te para admirarmos juntos as bellezas do Rio, e, como estás pallida, um leve tom de rouge iria bem para reavivar o rosado das tuas faces, uma vez que é moda! . . .

E de mãos dadas, num arroubamento indefinivel, lá se foram . . .

ELMA

CASA IDEAL

As nossas leitoras amigas, gentis e graciosas, completarão a sua toilette elegante comprando sapatos na Casa Ideal. São os mais finos, modernos e commodos que se encontram em Curitiba.

Rua 15 de Novembro
(em frente ao Correio)

As nossas cartas

Meu amigo :

Você é o melhor de todos os homens deste mundo!

A alegria que sinto é maior do que o meu coração, por isso aqui vai uma parte della estampada nestas linhas. Nesta alegria devo-a á sua sempre solícita gentileza, meu amigo!

Releio o seu bilhete :

«Ahi vai o presente que me pediste. Ainda não sei a razão porque queres um canario nascido em Maio, nesse mez tão bello em que tambem nasceste. Mas espero sabê-lo em breve, segundo a tua promessa. E enquanto espero a explicação prometida, ficarei imaginando que mysteriosa superstição poderá envolver na mesma historia um canario nascido em Maio e a tua singular cabecinha de menina ajuizada.»

Que bilhete tão significativo esse que de você me veio ha seis mezes, numa doirada manhã de sol, juntamente com um canario mais doirado ainda!

E que satisfação immensa elle me trouxe!

Pois, meu excellento companheiro, vou contar-lhe agora a historia que tanta curiosidade lhe despertou.

Sabe voçe que eu tenho dezoito annos, não é verdade?

E sabe tambem que eu apesar de ter esses duzentos e dezesseis mezes de vida, ainda não conservo muitas infantilidades que você mesmo diz não comprehender em mim, pois não?

Escute, meu amigo, eu sei perfeitamente que voçe me aprecia muito mais nos meus momentos de sizudez, quando eu falo e discuto comsigo sobre assumptos graves e serios, mais proprios de minha idade de menina ajuizada.

Mas, que quer? As minhas infantilidades tornaram-me tão feliz, que eu não me euvergonho dellas. E apesar das caçoadas com que você me mimoseia constantemente, eu não as abandono. Que seria de mim, com este meu genio tão desconfiado de tudo e de todos, tão extranho e tão comprehensivel, como você mesmo o diz, se não fossem as infantilidades com que eu ás vezes encaro o mundo e a vida?

O facto de eu ter pedido um canario nascido no mesmo mez em que nasci está, pois, ligado a uma das minhas creancices.

Não se admire se eu lhe contar que essa creancice é mesmo uma superstição.

Imagine supersticiosa eu, poço de positivismo, que você me chama!

La donna é mobile! . . . E o canario que você me enviou é a causa de eu ter mudado de ideas.

Saiba, meu amigo que "elle" regressou hontem da sua longa viagem e . . .

Mas vamos ao caso do canario:

Tive um dia um sonho. . . não sei como foi. . . eu pensava "nelle", na sua partida e no seu regresso promettido. . . Esses pensamentos eram, em sonho apenas um desdobramento dos que tinha acordada. . .

Pensava assim, deitada numa rede presa entre duas grandes arvores, quando vi caminhar para mim uma joven, da minha idade, talvez, que sorria com um molho de espigas doiradas na mão.

Não sei quem ella era. Não se parecia com nenhuma de minhas amigas, nem eu podia mesmo distinguir-lhe bem as feições. Trazia um vestido

azul; os olhos tinham a cor do vestido e os cabellos a cor das espigas que segurava na mão.

E fallou:

— «Queres saber quando "elle" volta? Digote que ainda se demora alguns mezes. Mas não fiques triste. Toma um canario que tenha nascido no mesmo mez em que a luz do sol se revelou, pela primeira vez, aos teus olhos; trata-o bem, ensina-o a conhecer-te, a cantar para ti, a tomar o alimento nos teus labios e a tomar agua na concha de tua mão. Quando na sua gaiola dourada, elle recusar o grão e a agua que assim lhe offerceres, é porque, no seu ciuime, estará annunciando o acontecimento que tanto desejas.»

Ao meu despertar, ouvia ainda as palavras encantadoras da joven loira.

E foi assim que dirigi a você o pedido que tão perplexo lhe deixou o espirito.

Quando aqui chegou, ainda filhote, o canario com que você me presentou, comecei a seguir os conselhos da menina do meu sonho. Dentro de dois mezes elle já me conhecia perfeitamente, tomava na minha bocca o alpiste e na minha mão a agua, cantando alegremente toda a vez que me avistava.

Essas scenas, repetidas todos os dias, crearam no meu coração tal affeição pela gentil avezinha, que eu já nem pensava no motivo pelo qual mandara buscá-la.

E foi assim que ha dois dias surpreendeu-me o mutismo em que se conservou desde pela manhã o meu canariozinho.

Quando fui levar-lhe o alpiste elle encolheu-se todo no fundo da gaiola, encorajadinho, com a cabeça metida debaixo da aza, tiritando como se estivesse frio, como se não sentisse a caricia do calor que uma restea de sol trazia á gaiola dourada.

Fiquei triste. Muito triste porque já havia abandonado a idéa supersticiosa de ligar ao regresso "delle" o facto de ter a avezinha recusado o alimento que eu lhe apresentava. Imaginei que o meu canariozinho estivesse doente e puz-me a chorar com receio de perdê-lo.

Mas hontem . . . Advinhe a minha alegria, a gratidão que devo ao canario e a você que me enviou.

"Elle" voltou, depois de um anno de ausencia! Eu sou muitissimo feliz! O meu loiro canario, já reconciliado commigo e com "elle" é cada vez mais animado e mais querido! E você, meu bom camarada, accete todos os nossos protestos de amizade, meus, "delle" e do nosso adoravel canariozinho.

Ada

Sempre-Viva

Sempre-Viva é o nome dum mimoso jornal redigido por um grupo de distintas senhoritas da elite curitybana.

Que seja sempre vivo o grande ideal de o levarres avante no caminho do progresso e civilização. Muito bem escolhido o nome desse artistico jornal, emblema da flor mais duraveloura. As petalas de ouro que essa flor ostenta, que seja uma inspiração para as gentis escriptoras.

Desejava ter uma grande instrução para ser uma humilde collaboradora desse mimoso jornal e dizer tudo o que sente o meu coração, por ver essas senhoritas que tem amor á arte; sendo-me satisfeita, enviando mil felicidades pelo o Anno Novo e as gentis escriptoras uma longa existencia á Sempre-Viva.

Ottília N. Pletz

Flauta rustica

II

A FLAUTA DE JADE

A' LYGIA CARNEIRO

Como ouvi na solidão a FLAUTA DE JADE ?
Desacompanhada e só, na vivenda de meu tio,
entre pergaminhos e livros, passou a minha infancia, a
minha juventude decorreu.

Vivi romances commovedores, — a Aziyadê de
Loti.

Vivi Aziadê !

Loti despertou o meu coração para a saudade,
o meu pensamento para a contemplação, para o myste-
rio das cousas desaparecidas.

As "Desencatadas" revelaram-me o segredo de
mim mesma.

O espirito sonha; não vê a realidade.

O espelho dos olhos reflecte as miragens do
mundo.

E as miragens levaram-me em kaique encantado.

Quando accordei de mim mesma, no ceo a lua
crescente brilhava entre as estrellas; no meu rosto bri-
lhava luar de saudades.

A recordação de dous olhos de scismas profun-
das envolveu-me de brumas roxas; o seu canto de
amor perdeu-se na nevoa.

Certo dia, entregou-me o correio um subscripto.
Abri. Dizia

"Da FLAUTA DE JADE

A ULTIMA VIAGEM

"Vou de viagem e não levo os meus
pinceis. Vou procurar a resposta que não
encontrei no canto do roussinol, no sorriso
da mulher, no perfume da rosa.

"Deixo-vos as minhas poesias. Rele-
de-as quando vos obedecer o silencio do
universo e vibrardes de inquietude.

"Celebrei o perfume da rosa, o sorriso
da mulher, o canto do roussinol, e não tra-
cei nunca o jerogliphio que significa a tristeza.

"Quando contemplardes certa noite a
lua a pairar sobre amendoeira florida, enviae
pensamento ao poeta, cuja tristeza fôra tan-
ta que seguiu de viagem para o paiz de
onde se não volta nunca."

Assim ouvi na solidão a FLAUTA DE JADE.

"Ex-Oriente Lux,"

Do extremo Oriente vem o som magico da FLAU-
TA DE JADE, recolta de "poesias chinezas" que Franz
Toussaint conchegou em escriptorio de sandalo e laca.

Tsao-Chang-Ling, o poeta, dorme no "jardim das
nove fontes"; mas, os seus versos suspiram e cantam
como fontes encantadas.

O echo da FLAUTA DE JADE perde-se na mi-
nha "flauta rustica".

Na solidude do meu coração choram saudades.

III

O JARDIN MAGICO

A BIANCA BIANCHI

Porque vens, sonho amigo, avivar-me a lembran-
ça do paiz dos Incas ?

Foi, há tanto, há tanto ! no passado remoto . . .

Do Templo do Sol, erguido na Cordilheira, era eu
a mais novas das vestaes devocionaria.

A mais nova das vestaes e a mais nostalgica.

A mais triste.

A mais triste de saudade.

Saudade do jardim magico, do eden.

Era em Cuzco, a cidade real dos Incas.
O meu Guia, todo de branco, á luz branca da
madrugada, tomou-me pela mão e levou-me ao jardim
metallico.

lá o Sol repontando.

— Olha ! disse-me o Guia.

E o jardim magico illuminou-se.

Descia em terraços, descia até beijar as aguas do
Huatanai

Maravilha de ouro que os Genios das minas oc-
cultas dispuzeram á flor da terra.

Folhagens, fructos, flores, borboletas, passaros,
lezardos rutilando. Plantações de maiz, de ouro puro,
extendiam-se, fremejantes ao sopro da aragem.

Fremiam, mas, resistiam aos furores do vento.

Caminhámos longamente.

No templo do Sol os canticos resoavam á Luz
creadora. Nas seis capellas, consagradas aos planetas,
brilhavam lampadas.

— O jardim magico é, minha Irman, o jardim das
miragens da alma; é o jardim da illusão. O Huatanai
é o rio da agua lustral, agua que purifica o desejo. A
alma que se banha no Huatanai, renasce, começa outra
existencia. Nas margens do Huatanai florescem acacias.

O Guia mostrou-me as columnas que permitem
aos astrologos do Imperio assinalar os equinoxios.

— Ha equinoxios do coração. E's a mais nova
das vestaes e a mais triste. No teu coração floresce a
saudade.

Tinhamos alcançado as margens do Huatanai.

— Bebe desta agua, minha Irman !

E deu-me a agua da purificação em taça de ouro.

E os meus olhos perderam-se na contemplação do
Infinito . . .

Porque vens, sonho amigo, avivar-me a lembran-
ça do paiz dos Incas ?

Antes fosse o Huatanai o rio do esquecimento !

Aziyadê

— Na praia silenciosa da vida, eu diviso ao
longe, o suave tom de rosa, que sei acalentará mi-
nha existencia. E' o quadro das minhas esperanças
que um dia, eu bem o sinto, virá encontrar os de-
sejos do meu coração . . .

Ultimos acontecimentos

1 Vaporosa, a Iva linda
O Jayme está captivando . . .
E parece que isso finda
Em um noivado . . . mas quando ?

2 Do Alô o «medo» eu conheço . . .
Do Alô as «fugas» eu sei . . .
Causa — menina de apreço
Que o persegue. Não erreí ?

3 Em S. Paulo eu sei que mora
Um viuvo muito amoroso . . .
Penso e ninguém ignora
Ada o acha bem mimoso.

4 Sei que o Belega aprecia
A Dirce — joven graciosa
E penso que principia
A torna-la cautelosa . . .

5 Do Currica é conhecida
A sua bem grande illusão.
— Historia muito comprida . . .
— Disse «ella» tres vezes «não» ? ! . . .

JUJUBA

Deus



Querida

A ti dedico estas linhas, sem declinar teu mimoso nome, para que, os que as lerem, não sintam o horror de saber que tu, que és uma das mais perfeitas obras do creador, n'Elle não crês.

Vamos juntas passear um pouco.

Entremos em um jardim. Quantas lindas flores o ornã! Vês aquella rosa que altaneira ostenta sua belleza de rainha? Lá está outra, que não sendo tão bella, é mais modesta e pend de sua fronte rubra de pudor.

Um lindo beija-flor timidamente beija um jasmim. Borboletas multicores pousam graciosamente nas macias petalas das rosas para descansar da sua louca correria.

Ao sairmos, respirei com prazer o ar perfumado do jardim, e ao olhar um grupo de mimosos lyrios, pareceu-me que a alma dessas flores andava esvoaçando por ali.

Entremos num pomar. Qual é a fructa que mais te apetece? A uva? Aqui tens um bello cacho!

Quantas fructas! Que bellas e saborosas são!

O sol quente e fecundo innunda toda a natureza de raios dourados, dando-nos vida e calor.

E's o astro rei, és superior a tudo, pois sem as caricias dos teus raios, sem os beijos da tua luz, não poderíamos viver.

Mas, superior a ti existe Um que brilha mais que acaricia ternamente nossa alma dorida e que beija com doçura nosso espirito abatido!

Anoitece. Mil estrellas commodamente installadas no manto azul do céu, graciosamente scintilam para nós. A magestade incalculavel desses mundos ante os quaes a terra em que habitamos é uma insignificante parcella, sendo entretanto um importante tributario, reclama sem duvida a existencia de Um, que formou todos os seres. Sempre avallamos o autor pela obra. Ao ouvir tocar um piano, classificamos a habilidade do executor. Ao ver um movel, avallamos o grão de maestria do fabricante.

Calcula a habilidade e maestria desse que creou o mundo e os seres.

Como nos sentimos insignificantes ante esta obra maravilhosa de belleza e arte.

Despedindo-me de ti, peço-te que juntamente commigo elevés o pensamento até Aquelle que tudo creou. Ao Ser incomparavel, Ao Ser Supremo, ao Supremo Architecto, como queiras chamar, é a quem eu chamo — Deus!

Beija-te fraternalmente tua

LIA

Phantasia

Silenciosa, caminha a joven. Dos seus cabellos, que flores muitas enfeitam, um suave e doce perfume desprende-se.

Os olhos sonhadores, profundos e melancolicos, fitam vagos a natureza rendilhada de flores.

No ar, formosas borboletas, revoam, meigas e calmas. Tudo é quedo, vago, indefinido...

Pára a moça á beira dum rio... Debruça-se... Espelha-se na agua de crystal...

E um dialogo, da alma somente, teve nessa hora logar...

— Moça, no rio debruçada em que pensas? No ceo? No mar? Queres beijar-me? Inclina mais teu busto airoso, encosta os labios teus na agua mansa do meu espelho... Fala-me, responde-me...

— Oh! Formosa fita de prata que estás calma e adormecida! Eu te invejo tanto, tanto... Vejo, ao longe, no teu seio, os cysnes de alvejantes plumas, que, espalmando vagarosamente as azas, mergulham nas aguas tuas... Rio, espelho de prata que conversas com elles?

E aquellas flores, que o cicio brando da aragem faz docemente inclinar as petalas de setim? Que te dizem ellas?

No reflexo de tuas aguas, eu não sei o que leio... Quero ser tua, viver na esplendida morada, espelho do céu, mansão de luz!...

... E a moça sonhadora, de olhos melancolicos e profundos, suave e lentamente desce para o fundo do rio...

E nessa hora, quem passasse veria desaparecer por entre as aguas de crystal, um manto vaporoso de gazas e rendas e fitas que baixavam da superficie do rio, feita de brilho e luz.

VINA

Casa BICHELS

Rua 15 de Novembro n. 70

— Boas de pelle, grande variedade de chapéus e toucas para meninas e senhoras.

— Brinquedos, enfeites para vestidos, casacos para meninas e senhoras.

— Etamines, lãs, linhas, sedas para bordar

— Cintos de contas e contas avulsas.

— Velocipedes e auto-carrinhos.

E muitos outros artigos encontra-se a preços razoaveis na

CASA BICHELS — Rua 15 de Novembro, 70

Todos os artigos são importados

A suprema viagem

A casa resendia a flores e a cera. Em volta do caixão azul para onde me haviam levado, sentia os soluços agudos dos meus. Estava morta. Uma agonia enorme me estraçalhava o peito, quando as lagrimas quentes de minha mãe banhavam-me o rosto.

E por mais esforços que fizesse, impossível me era o menor movimento. Assim estive muito tempo.

A' tardinha, um homem que não conheço, moreno, alto, barbas negras e olhos azues, depois da despedida terrível dos parentes, em que a dor me asphixiou quasi inteiramente, fechou o caixão.

Senti as pancadas rítmicas do martello e um grito angustioso, enorme, dilacerante, que reconheci ser de minha mãe.

Sem saber explicar como, apesar de ter os olhos fechados e estar encerrada num caixão, eu via tudo o que se passava ali, na sala que eu para sempre me deixar.

Tiraram-me de casa e com um passo lento e cadenciado, os homens que seguravam as alças do caixão, todos de negro, e com ar de contrariedade, puzeram-se a caminhar, levando-me silenciosamente para a grande viagem.

Muita gente me seguia e nas ruas onde passavamos, rostos pallidos, rosados, com os olhos transbordando curiosidade, assomavam á janella e numa muda ininterrogação, olhavam o esquife azul que silenciosamente numa marcha cadenciada e lenta seguia para lá, onde tudo e nada é pó.

De quando em vez, descancavam o caixão sobre um banquinho adrede e puxando os alvos e aromaticos lençoes, aquelles homens meditabundos que eu nunca vira, afastavam-se e outros os substituíam, e a marcha continuava.

Chegamos ao cemiterio. Ha na casa dos mortos uma voz imperativa de recolhimento. Pousaram-me á beira da cova. Um silencio profundo, enorme, pesado, se fez. Quando vi, que alli tudo se acabaria, senti uma dôr incalculavel de morrer. Eu, que sempre detestei a vida, pelo muito de mau que ella contém, fiz esforços loucos para gritar, para dizer que vivia e, não conseguí. Então vieram-me as lagrimas e eu chorei, chorei como nunca o fiz na minha vida.

Os mesmos homens taciturnos, com o mesmo ar de contrariedade com que me haviam tirado de casa, seguravam umas cordas grossas, passaram os ganchos nas alças do caixão e iam iniciar a descida, quando eu acordei.

Minha mãe, á borda do leito, muito afflicta, indagava, com carinho, si eu estava doente.

E a Clara Luella calou-se. Um sorriso de tristeza pairava-lhe nos labios, e o olhar embaciado pelas lagrimas prestes a rolar, ella o tinha perdido no infinito.

ANTONIETA DE BARROS
(Florianopolis)

OS AMIGUINHOS DE M^{LE} Y

J. S. S.

- Lindo!
- O mais bonito rapaz de Curityba!
- E' encantador!
- E' adoravel!
- Fascinator, mas não dá confiança ás moças. Essas exclamações são muito communs á passagem do J.

Não sei se é por escutar sempre tantas e

As nossas amiguinhas



Senhorinha IGNEZ DRONLEWZ

tão entusiasticas amabilidades a seu respeito, que elle tem mesmo uma certa «pose».

O que sei é que essa historia de não dar confiança ás moças é uma lenda creada em torno delle, talvez para manter com mais vigor o seu prestigio de homem bonito.

E' evidente que elle não dá confiança... ás outras moças. Quem é que não sabe do pedido que elle fez a uma linda moreninha para que se comportasse, para que deixasse de namorar tanto, etc, etc?...

Essas historias correm!

Se elle não frequenta os bailes é porque não a pode ver dansando com os outros. Se elle ás vezes abandona a capital e se retira para sua fazenda, ou para certa pequena cidade legendaria do interior é porque naturalmente quer furtar-se ao desgosto de vel-a namorar outros aqui.

Pobre coração!

Consolem-se as suas numerosas apaixonadas.

Si ellas soffrem com a sua indiferença, tambem elle soffre com a indiferença da pequena.

Mas será mesmo possível que ella resista por muito tempo ainda ao tão formidavel encanto dos grandes olhos negros, da elegancia tão distincta, do sorriso tão adoravel, do olhar tão perturbador do Adonis curitybano?

Não o creio. Ella reconhece, como todas nós reconhecemos, que não ha Rodolpho Valentino, nem Ramon Navarro, nem Antonio Moreno, nem Ricardo Cortez — nem mesmo a memoria do nosso inesquecivel Wallace Reid — que se compare em belleza, em elegancia, em distincção, enfim, em todas as qualidades que podem tornar atrahente um homem, ao fascinador J. S. S.

M^{LE}. Y.

O GYRASOL



Um poeta e cantor corria de aldeia em aldeia a tanger com alma e calor as cordas da lyra e a espalhar pela turba enievada os feitos heroicos dos Semi-Deuses.

Por toda a parte o poeta era acolhido como o maior dos cidadãos.

Seu coração, simples de ambições, velava meio somnambulo, inacessivel á lisonja; sempre que a seus ouvidos chegava o murmuro dos applausos da multidão que o seguia por leguas e leguas, curvava a cabeça e olhava para o chão a scismar consigo mesmo sobre as proezas quasi inacreditaveis que seus poemas lembravam e sobre a crudelidade talvez infantil que dominava seo povo.

De scisma em scisma, a peçonha da duvida penetrou em seo espirito: Será pelos heroicos feitos que eu canto que elles me aclamam?

Será que o passado longinquo desses heroes ainda fascina os espiritos conduzindo-os para a solidariedade e o amor?

Ou será que meus versos vasados nas melodias que tiro da lyra apollinea, derramem no coração da patria o philtro, cheio de magia capaz de atrahir uns aos outros, fortificando-os na fraternidade, que é a origem da força?

Será que no meu porte, que dizem cheio de graça e magestade seduzia a multidão que me acompanha sollicita e desvairada, atapetando as estradas por onde passo com as flores symbolicas da victoria e da divindade?

A principio o vate heroico concuicava esses arroubos de orgulho «Quem sou eu diante desses heroes meus avós? Pequenuissima parcella da aureola de Zeus, tenho apenas a missão de espalhar pelo mundo o que elles fizeram»

Não sou mais do que um misero mortal transitorio e ephemero»

Mas a peçonha entrara na alma do poeta e a ideia de ter suas cinzas dispersas, seus poemas esquecidos, partida sua lyra e apagado seo nome, pesava-lhe sobre o coração»

A ausencia do poeta foi considerada uma calamidade publica; sua enfermidade um castigo de Zeus.

O povo alarmado gemia de dor, atirando para o céu o pó das estradas, consumindo sacrificios nas aras dos templos afim de desarmar a colera divina»

Afinal levaram-no em um esquife dourado, para o templo e alli o coroaram como ao filho do Sol.

Aureolado por uma corôa de flores amarellas, sorria discretamente para todos e pela primeira vez ousou fitar o Sol nascente.

Os raios de luz fecundante que emanavam do astro não o cegaram, e seus olhos nunca mais poderam desfitar-se daquelle aureola de fogo de onde elle se convencera afimal descender, como um dos filhos omnipotentes»

E nessa alucinação ergueu-se do leito, erecto e firme tentou caminhar, mas preso á lapide do templo, a pouco e pouco seo corpo se foi adelgaçando, seus braços tornaram desde logo multiformes, longos e macios, e quando pela manhã vieram adoral-o, como a um novo Semi-Deus, encontram-no arbusto esguio e flexivel, sustentando no apice uma flor distôrme, a irradiar do centro amarelllo um arremedo de raios desmaiados, condemnado a seguir invariavelmente o curso diurno do Deus Sol»

Delfina B. da Cunha

Poetisa brasileira nasceu em S. João do Norte, no estado do Rio Grande do Sul, em 1791.

Em tenra idade foi atacada de bexigas e desde então perdeu completamente a vista.

Sentindo-se muito infeliz ficou possuida de profunda tristeza, que se reflectiu em todos os seus versos, os quaes são em grande numero e revestidos de raro encanto.

Impedida de gozar outras distracções, dedicou-se aos estudos e obteve a melhor recompensa em saber que seus trabalhos são admirados não só pela concepção como pela forma.

Suas poesias foram publicadas em 1834, 1838 e em 1846 respectivamente, achando-se as mais bonitas insertas no Parnaso Brasileiro.

Em 13 de Abril de 1857, ella falleceu, deixando uma lacuna na poesia brasileira, principalmente na do Rio Grande do Sul.

Não podemos deixar de mostrar aos leitores um dos seus bellos trabalhos, artisticamente lapidado, em que a poetisa canta suas infelicidades:

Vinte vezes a lua prateada
Inteira o rosto seu mostrado havia,
Quando um terrivel mal, que então soffria,
Me tomou para sempre desgraçada,

De ver o ceo e o sol sendo privada
Cresceu a par commigo a magua impia;
Desde a infancia a mortal melancolia
Se viu em meu semblante debuxada.

Sensivel coração deu-me a natureza
E a fortuna, cruel sempre commigo
Me negou toda a sorte de ventura;

Nem sequer um prazer breve consigo;
Só para terminar minha amargura
Me guarda o triste e sepulchral jazigo.

MARIA JULIA LEITE

Pensamentos

(MONTESQUIEU)

Não é o espirito que faz as opiniões, é o coração.

E' necessario muito estudar para pouco saber.
As molestias do espirito quasi nunca se curam.
A sociedade das mulheres aperfeiçoa os costumes e eleva o sentimento do bello,

O talento é um dom recebido em segredo; é inconscientemente desvendado.

A galanteria não é amor, mas a delicada e suave e perpetua mentira do amor.

A ingenuidade é o cunho principal de um grande espirito.

Folha Academica

Fragmento da vida

A Dôr e a Alegria

— Eu na ci para a Alegria. Para mim a tristeza é o grande peccado da alma humana.

— E a Dôr? Negas então a existencia da Dôr?

— Não. A Dôr é necessaria, pois si é o tormento da vida, é tambem o aviso physiologico das difficuldades que se nos interpõem, impellindo-nos para diante á conquista da victoria. E que fora do mundo se nelle não houvera a Dôr? Se todos os desejos, logo assim formulados, fossem satisfeitos, o que aconteceria então?

Ver-se-ia os homens morrerem de fedio ou matarem-se e causarem-se mais soffrimentos do que a natureza agora lhes impõe.

E' procurando subjugar a Dôr que o homem tem conseguido esculpir o seu nome com o martello cyclo-pico da sciencia no frio bronze da historia deixando um marco indelevel da sua passagem.

Dôr? Não: gloria.

E não vês? Olha a roseira. E' a vida. Delicia-nos com a sua vista e fere-nos com os seus aculeos.

— Mas observa a humanidade.

Não vês em cada fronte uma nuvem de tristeza, em cada labio um rictus de soffrimento, em cada palavra o traço da desillusão?

Não vês a tristeza dos homens? Tu mesmo que és um estheta, um sonhador, não tiveste nunca um momento de tristeza?

— Não. As almas nobres não permanecem no scepticismo, pois aspiram a luz e não podem ficar na sombra.

Si o pessimismo as empolga e os faz immergir no denso véo da duvida, é por instantes.

Contempla a natureza. A noite é negra, nenhuma estrella no céu. A terra envolta no seu manto de escuridão se povoa de terrores incertos. A tempestade rugue, ribomba o trovão.

Por vezes, um relampago, num relance, desvenda toda essa selvagem magestade. E' o chãos formidavel, é o choque dos elementos.

E depois... Passada a tormenta, tudo retorna á calma.

O sól, rutilo, resplandescnte, apparece dourando com seus aureos raios, o tapete de verdura da vegetação sem par. A passarada, em revoada, saúda-o com seus trinados maviosos.

E' a bonança.

Assim são os combates intimos da alma.

O tormento do desconhecido, a sede do espirito, a descrença da omnipotencia do Bem, fazem desencanear a tempestade da alma.

Mas é passageira a vaga sceptica. Assim como a sol surge dissipando os nimbos, prenunciadores do temporal, assim surge a esperanza dissipando as nuvens de tristeza que toldavam as nossas frentes.

— Trovas da lyra e cantas Palavras, só palavras. "Esperança palavra vã, é a senha com que entramos na vida; logo, depois, porém, trocamol-a pela desillusão."

Miragem enganadora que nos embala num sonho de felicidade, trazendo-nos a illusão, fuge-nos sempre quando a procuramos alcançar, e é, então, que despertamos para a realidade.

E sabes o que é esse despertar? E perceber que amor, gloria, bondade, abnegação são atrozés e cruéis mentiras: é observar que o mundo é um immenso palco onde os homens representam, guiados pela mão do destino, os mais desencontrados papeis, mas todos convergindo para um mesmo fim — a morte.

— Morte? a palavra é gremem. Uma palavra de desanimo é um pouco do nosso valor que se esvae. Morte? Não: vida. Na natureza nada é inutil, nada se perde. Até as mais pequenas açções tem a sua razão de ser.

O impetuoso tuíão que sopra rigido, destruindo arbustos, é a vida que estuante passa, levando sementes á regiões incultas.

A pequenina gotta dagua o que é na vastidão do universo? No entanto, junta-as uma a uma e terá immensidade — o oceano.

Assim, a morte desmente a lei da vida e a inacção desmente a lei do eterno movimento.

— E's religioso?

— Sim? Não ha descrentes. Se a gravidade equilibra o mundo physico, a fê equilibra o mundo moral. Crer é viver.

*O crente não desespera e affronta com animo os mais rispídos contrateimpos, certo de que ha um Deus reparador da justiça e remunerador da Bondade.

— E's feliz?

— E tu?

— Eu sou um desilludido. Sou como a folha secca arrancada da arvore da vida pelo vento rigido do Destino.

— Creio no teu soffrimento e lastimo que tenhas tão longo degredo! Odeias o mundo só porque nelle vês o que ha de máu. O mal existe, mas si elle se occulta, porque havemos de trazer á flutuação?

Façamos a cruzada da Alegria. Entoemos um hymno á Alegria do Viver, levemos a esperanza aos corações descrentes, e então não haverá mais infelizes.

ZILKA DE VASCONCELLOS

(Campos)

Fragmento

Fecha-se a tarde.

O céu de um azul puro e sereno, attrahia o pensamento para o infinito. Palpitava no ar esse não sei qué de mysterioso e de divino, que faz com que a alma se cubra de estrellas á hora em que o ceo se prepara para recebê-las.

O sol despedia-se do zenith e mergulhava no occaso. Na terra fluctuava o perfume, o murmurio, um adeus que ninguem ouve e que todos sentem, vago, doce, intangivel. Era a hora em que a natureza cae duma languidez morbida, em que as flores desmaiam com os beijos da aragem, e a alma recolhe em si os sentimentos para fundi-os numa adoração immensa!

Instante supremo em que da terra se ergue o Ave universal, e em que do céu desce a promessa!...

(Das "Rosas Pallidas")

GUIOMAR TORREZÃO

A intelligencia aliada á bondade, inspirando-se no amor do proximo, na tolerancia e na caridade, eis o que se me afigura na terra o ideal da perfectibilidade humana.

GUIOMAR TORREZÃO

O meu piano

Numa salinha pequena, guardada dos raios quentes do sol, está o meu piano.

O meu piano! Oh! Ninguém pode compreender o que estas tres palavras, tão pequenas, exprimem.

E' o meu piano, meu, só meu, onde toco longas horas, traduzindo nelle o que sinto e o que penso.

E' alli que, muitas vezes, luctas intimas se travam e, a um som melodioso ou a um accorde forte, de uma marcha de guerra eu sou levada a me decidir pelo bem, pelo sentimento, deixando falar mais alto o meu coração.

Quantas vezes triste e abatida, eu me sento ao piano e horas esquecidas ali fico, tocando, tocando...

Tenho a illusão que meu piano fala, numa linguagem superior, numa linguagem de almas. Sim, não sou quem arranca do teclado frio os sons que falam; é elle, só elle que chora melancolicamente, para me consolar.

Elle sente e me comprehende.

Oh! o meu piano, o meu querido piano...

Quantas lagrimas rolaram por sobre suas teclas brancas, lagrimas sentidas, d'alguma dôr que guardo.

E' elle mais suave nesse dia, parece que me murmura baixinho alguma coisa; não, não sou eu quem o faz triste e suave: é elle que me comprehende e que me ama.

A seu lado, ouvindo os sons melodiosos de alguma musica, eu não estou só, eu não executo mais nada senão de vez em quando um murmúrio suave. E' elle que fala. Pelo mundo em fóra, achei nelle sempre o amigo sincero, que não tem uma palavra de aborrecimento e que não me abandona.

E' elle minha alegria e o meu consolo.

Para elle vivo, estudo — e quem sabe, si algum dia elle me dirá baixinho o segredo que tão escondido guarda e que só murmurou ás almas torturadas de Chopin, Beethoven, Mendelsohn e tantos outros?

Espero, poderei esperar sempre, eternamente, tendo-o ao meu lado, consolando-me e chorando commigo.

NIETTA LEITE.

Vive para cantar quando eu morrer

Não cantas mais! . . . Junho, brumoso e frio,

Hoje foi teu coveiro, meu cantor! . . .

Chove, e eu dentro d'alma sinto o estio

Da tua doce voz, cheia de amor.

Não cantas mais! . . . Do teu oihar o fio

Partiu-se na garganta, sem rumor . . .

— Morrendo, em ti, o derradeiro pio,

— Nasceu, em mim, a derradeira dôr.

E assim tão só como viver agora,

Sem ter mais quem me entenda como outr'ora

— No canto irmãos — no soffrimento iguaes!

Não cantas mais! . . . E enquanto dolorida

A tua voz me falta para a vida,

Eu soffro e canto . . . e canto e soffro mais! . . .

PALMIRA WANDERLEY

Ao soldado desconhecido

Chamaram-n'o, partiu . . . Ordens de guerra.
Sem dar mostras, sequer, de desalento
marcou para mais tarde o casamento
e disse adeus ao sol, ao ar, a serra . . .

Foi, ao lado da França, da Inglaterra,
fez o espanto de todo o regimento,
e nunca abandonou nem um momento,
a idea fixa de voltar «á terra»!

Morreu. Vae a passar. O povo reza,
tocado de ternura, de tristeza.

E, neste instante de maguado brilho,

n'este instante de luto e de saudade,
quantas Mães, soluçando em anciedade
perguntarão baixinho: — E's tu, meu filho?

VIRGINIA VICTORINO

Lembranças

Uma flor secca . . . Emtanto quanto diz esta flor . . . Conta, relembra horas felizes duma noite, muito longe, duma noite de alegria e ruido.

E perpassam pela minha mente, como numa tela cinematographica, os personagens que tanto me impressionaram naquella noite.

Uma phrase, um sorriso, um olhar, oh! quanto ella me faz recordar! . . .

Minhas mãos seguram-na nervosamente, um estalido quebra o silencio que me envolve.

Neste estalido escapa-se um suspiro e mais uma lembrança, uma saudade elle aviventa.

Como desejaria comprehender a linguagem tão significativa desta flôr, completamente secca, lembrando simplesmente o passado! . . .

Transporto-me á regiões, aonde tenho idea que já vivi, mas que não me recordo quando, e, numa confissão doce, suave, penso e reflecto.

Aquella noite . . . Quantos sentimentos me agitavam, naquella noite.

Uma saudade profunda quasi me fazia chorar, uma indefinivel tristeza invadia-me mais e mais, emquanto ao redor de mim, a alegria, o entusiasmo, o barulho, agitavam os que me cercavam.

Não via nada disto. Meu pensamento pairava longe, longe dali, perto de dous entes que tanto estremeço, e nelles pensando, esquecia-me do resto.

Flor que já não vive e que me faz sonhar, leva-me para mais alto ainda, lembra-me mil «nadas» que me encantam, que me emocionam . . .

Pobre flor! Já não exala o perfume tão suave, já não sente a brisa ligeira passar cariciante, e, entretanto, apesar de não viver, ella revive horas, horas só para mim comprehensíveis, horas só sentidas por mim! . . .

Julia A. Leite